

confusão social, no tumulto da Meia Idade! Mas numa sociedade burguesa, bem policiada, bem escriturada, garantida por tantas leis, documentada por tantos papéis, com tanto registo de baptismo, com tanta certidão de casamento, não podia ser! Não, não estava no feitiço da vida contemporânea que duas crianças, separadas por uma loucura da mãe, depois de dormirem um instante no mesmo berço, cresçam em terras distantes, se eduquem, descrevam as parábolas remotas dos seus destinos — para quê? Para virem tornar a dormir juntas no mesmo ponto, num leito de concubinação! Não era possível. Tais coisas pertencem só aos livros, onde vêm, como invenções subtis da arte, para dar à alma humana um terror novo... Depois levantava os olhos para a janela alumiada — onde o Sr. Guimarães, decerto, rebuscava os papéis na mala. Ali estava porém esse homem com a sua história — em que não havia uma discordância, por onde ela pudesse ser abalada!... E pouco a pouco aquela luz viva, saída do alto, parecia ao Ega penetrar nessa intrincada desgraça, aclará-la toda, mostrar-lhe bem a lenta evolução. Sim, tudo isso era provável no fundo! Essa criança, filha de uma senhora que a levava consigo, cresce, é amante de um brasileiro, vem a Lisboa, habita Lisboa. Num bairro vizinho vive outro filho dessa mulher, por ela deixado, que cresceu, é um homem. Pela sua figura, o seu luxo, ele destaca nesta cidade provinciana e pelintra. Ela, por seu lado, loura, alta, esplêndida, vestida pela Laferrière, flor de uma civilização superior, faz relevo nesta multidão de mulheres miudinhas e morenas. Na pequenez da Baixa e do Aterro, onde todos se acotovelavam, os dois fatalmente se cruzam: e com o seu brilho pessoal, muito fatalmente se atraem! Há nada mais natural? Se ela fosse feia e trouxesse aos ombros uma confecção barata da loja da América, se ele fosse um mocinho encolhido de chapéu-coco, nunca se notariam e seguiriam diversamente nos seus destinos diversos. Assim, o conhecerem-se era certo, o amarem-se era provável... E um dia o Sr. Guimarães passa, a verdade terrível estala!

A porta do Hotel rangeu no escuro, o Sr. Guimarães adiantou-se, de boné de seda na cabeça, com o embrulho na mão.

— Não podia dar com a chave da mala, desculpe Vossa Excelência. É sempre assim quando há pressa... E aqui temos o famoso cofre!

— Perfeitamente, perfeitamente...

Era uma caixa que parecia de charutos e que o democrata embrulhara num velho número do *Rappel*. Ega meteu-a no bolso largo do

seu *paletot*: e imediatamente, como se qualquer outra palavra entre eles fosse vã, estendeu a mão ao Sr. Guimarães. Mas o outro insistiu em o acompanhar até à esquina da Rua do Arsenal, apesar de estar de boné. A noite, para quem vinha de Paris, tinha uma doçura oriental — e ele, com os seus hábitos de jornalista, nunca se deitava senão tarde, às duas, três horas da madrugada...

E então, caminhando devagar, com as mãos nos bolsos e o charuto entre os dentes, o Sr. Guimarães voltou à política e ao sarau. A poesia do Alencar (de que esperara muito por causa do título *A Democracia*), saíra-lhe consideravelmente chocha.

— Muita flor, muita farófia, muita liberdade, mas não havia ali um ataque em forma, duas ou três boas estocadas nesta choldra da monarquia e da corte... Pois não é verdade?

— Sim, com efeito... — murmurou Ega, olhando ao longe, na esperança de uma tipóia.

— É como os jornais republicanos que por aí há... Tudo uma palhada, senhores, tudo uma balofice!... É o que eu lhes digo a eles: — «Ó almas do diabo, atacaí as questões sociais!»

Felizmente um trem avançava, rolando devagar, ao lado do Terreiro do Paço. Ega, precipitadamente, deu um aperto de mão ao democrata, desejou-lhe uma «boa viagem», atirou ao cocheiro a *adresse* do Ramalhete. Mas o Sr. Guimarães ainda se apoderou da portinhola — para aconselhar ao Ega que fosse a Paris. Agora, que tinham feito amizade, havia de o apresentar a toda aquela gente... E o Sr. Ega veria! Não era cá a grande *pose* portuguesa, destes imbecis, destes pelintras a darem-se ares, torcendo os bigodes. Lá, na primeira nação do mundo, tudo era alegria e fraternidade e espírito a rodos...

— E a minha *adresse*, na redacção do *Rappel*! Bem conhecida no mundo! Em quanto ao embrulhozinho, fico descansado...

— Pode Vossa Excelência ficar descansado!

— Criado de Vossa Excelência... Os meus cumprimentos à Sr.<sup>a</sup> D. Maria!

Na carruagem, através do Aterro, a ansiosa interrogação do Ega a si mesmo foi — «que hei-de fazer?» Que faria, Santo Deus, com aquele segredo terrível que possuía, de que só ele era senhor, agora que o Guimarães partia, desaparecia para sempre? E antevendo, com terror, todas as angústias em que essa revelação ia lançar o homem que mais estimava no mundo — a sua instintiva ideia foi guardar para